



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10804 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 15 - Psicologia da Educação

O MAL-ESTAR DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR

Glaé Corrêa Machado - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Cleoni Maria Barboza Fernandes - IFSUL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO GRANDENSE

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não conta com financiamento

Vivenciamos uma transformação em nosso sistema educacional, o diálogo e a presencialidade da relação professor e aluno tornaram-se remoto pela necessidade de amenizar os impactos ocasionados pela pandemia do COVID-19 que assola a humanidade, conjuntura essa que nos leva a pensar a formação e profissionalização docente diante do quadro de adaptação a uma nova modalidade de ensino e aprendizagem que se faz presente em nossas escolas. Um caos generalizado toma conta de todos diante da eminência do acometimento da moléstia causada pelo vírus, quadro esse que alterou o psicológico da população em geral, associado a esse contexto se encontram os profissionais da área educacional que já vitimados por um mal-estar, se veem acometidos por um medo em relação a sua prática em sala de aula, agredidos pela indisciplina escolar dos estudantes, reforçado pela situação precária de trabalho que as escolas oferecem atualmente, fato esse que procuramos entender no cotidiano da ação educacional desse profissional e sua atuação. Toda conjuntura que provoca clausura nos priva de nós mesmos, o professor tem sua identidade roubada quando a fobia se faz presente em seu local de trabalho, o impedindo de fazer do seu trabalho um ato de amor e prazer, pois toda relação de trabalho que seja marcada pelo desrespeito à dignidade do trabalhador, forçando-o a tornar-se mero mecanismo de produção, desconsiderando sua condição de ser humano que merece descanso e remuneração justa, leva a tormentas mentais causando doenças como a síndrome de Burnout, depressão e ansiedade, ao interagir e se integrar no processo educacional, sem o entusiasmo e a dedicação que a profissão de educador exige do docente, o mesmo é submetido à pedagogia do medo e o processo de ensino e de aprendizagem se torna um fardo, deixando de ser um desejo e uma ação de reciprocidade e amor, limitando a prática docente e restringindo suas competências e habilidades, criando um retrocesso, encaminhando-nos a um atraso existencial, como se

perdêssemos a capacidade de compreender o mundo no qual estamos inseridos, perdendo a dignidade humana que faz parte de cada um de nós.

Objetivamos com essa pesquisa, conhecer e analisar o fenômeno do mal-estar docente em sala de aula a partir da compreensão de como ocorre esse adoecimento, tendo como base os elevados níveis de estresse pelos quais passam e estão envolvidos nossos professores, enfatizando as condições como salários, ausência de autonomia, exageros burocráticos, indisciplina dos alunos, além disso, as péssimas condições que as escolas estão ofertando como local de trabalho, situações essas que tem levado o docente a fadiga física e, portanto, ao padecimento do corpo e da mente, somado ao momento pandêmico, em que outras questões sobrecarregam o fazer docente.

Segundo Fajardo, Minayo e Moreira (2010), o estresse na profissão docente ocorre porque muitos professores não visualizam perspectivas em seu trabalho, não examinam seu sucesso profissional, sua competência e sua satisfação com a profissão. As autoras ainda apontam que no contexto educacional brasileiro não são raras as vezes que os docentes descrevem sensações de mal-estar e impotência. Em algum momento da vida, todo docente já passou pela sensação de ser o pior profissional de sua área, ao ponto de ser levado a esgotar suas forças, que o direciona a uma tristeza profunda, criando a crença de que nada vale a pena, quando essas sensações são presentes, persistentes e de uma força constante, elas se tornam um mal que pode estar levando o corpo docente a incapacidade de desenvolver suas competências e atribuições, um mal que cada vez mais ganha espaço em nossas instituições de ensino, e que podem ser identificadas como Síndrome de Burnout, depressão e/ou ansiedade, frente a esses fatos, justificamos a importância dessa pesquisa, diante da problemática que está provocando um terror na vida daqueles que regem o processo do ensino e aprendizagem em sala de aula, levando nossos docentes a uma elevada e progressiva deterioração de sua saúde mental em seu ambiente de trabalho.

Somos dotados de inteligência que nos cria inúmeras possibilidades, mesmo limitados diante da nossa condição humana procuramos nos adaptar frente aos percalços que surgem em nosso cotidiano, somos imperfeitos e estamos a mercê de uma vulnerabilidade que mesmo nos direcionando para o fracasso nos fortalece para que possamos ter forças a fim de superamos as adversidades da vida. De acordo com Brown (2019), vulnerabilidade não é conhecer vitórias ou derrotas, é compreender a necessidade de ambas, é se envolver, se entregar por inteiro, é ter coragem para enfrentar os obstáculos surgidos em nosso viver sem nos permitir abater:

Viver plenamente é abraçar a vida a partir de um sentimento de amor próprio. Isso significa cultivar coragem, compaixão e vínculos suficientes para acordar de manhã e pensar: “não importa o que eu fizer hoje ou o que eu deixar de fazer, eu tenho meu valor”. É ir para a cama a noite e dizer: “sim eu sou imperfeito, vulnerável e às vezes tenho medo, mas isso não muda a verdade de que também sou corajoso e merecedor de amor e aceitação”. (BROWN, 2019, p. 9)

O professor vitimado pelos entraves provocados pela violência gerada nos atos de indisciplina que é constante nas salas de aula, agregada a falta de estrutura das escolas que o acolhe como local de trabalho, esses e outros fatores, estão gerando um estado de privação da subjetividade dos educadores, provocando um mal-estar em relação a sua atuação em sala de aula. Contreras (2012) aponta que a tese básica da proletarização docente se sustenta pela subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram o professor a uma perda de controle e de sentido sobre o próprio trabalho, evidenciando que o que está em jogo é a autonomia desses profissionais. Desse modo, entende-se que os docentes ocupam um lugar de subordinação no campo educacional, visto que, seu papel pode se reduzir a meros executores dos interesses estatais.

Diante desse quadro, segundo Contreras (2012), os docentes, assim como a classe operária, perdem em qualificação e vêm reduzido seu trabalho quanto ao desempenho de tarefas isoladas e rotinizadas, sem compreender com maior grau de clareza e crítica o significado do processo. Os docentes também se aproximam da classe operária quando se articulam em sindicatos, associações de classe e coletivos de trabalhadores que visam melhores condições de trabalho e de remuneração. Além da perda de controle sobre o processo de trabalho, os docentes estão massificados por rotinas estafantes de trabalho devido à baixa remuneração. Na condição de trabalhadores assalariados com baixa remuneração, sentem a necessidade de ampliar sua carga horária de trabalho, muitas vezes se submetendo a sessenta horas semanais.

Em nossas casas habituamo-nos a valorizar a essência familiar, respeitar o próximo, o que fazia e ainda faz parte dos ensinamentos que herdamos de nossos pais, os quais primavam pela autoridade, muitas vezes lutando contra o autoritarismo arraigado em nossa herança cultural, processo esse, que deveria fazer parte do amadurecimento de cada ser humano. Todo esse contexto educacional gerado no âmbito de nossos lares repercute nas atitudes comportamentais dos discentes em sala de aula, a presença ou ausência da família se faz perceber no rendimento escolar dos educandos, ressaltando suas atitudes perante professores e até mesmo junto aos colegas que compõe o ambiente escolar, a esse respeito, Baba (2016) nos alerta que hoje sofremos de uma profunda doença chamada egoísmo, que nos leva a manifestar um grau insustentável de desrespeito à natureza e aos outros seres humanos, além de uma profunda ignorância ao significado da vida. Quando o lar não adota seus entes queridos, os mesmos movidos pelo modismo social são guiados por um egoísmo capaz de gerar o ato indisciplinar em todo lugar que esse ente estiver inserido, penalizando nossos educandários e criando mal-estar junto ao corpo docente.

A indisciplina sempre esteve presente na história da escolarização, podendo ser abarcada como uma transgressão, uma desobediência às regras que regem os espaços ou conjunturas, no caso da escola, às regras educacionais, de acordo com Tiba (1996), a disciplina escolar compõe um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do

aprendizado escolar, constituindo uma qualidade no relacionamento entre alunos e professores em uma sala de aula. Sabemos que o relacionamento humano é cheio de complexidade devido a divergência de ideias, quando não há respeito ao espaço de convivência as regras enfraquecem, quando a ausência do respeito gesta os relacionamentos, a indisciplina coordena as ações criando um mal-estar entre as partes, provocando uma relação desarmônica, criando a anulação e/ou conflito de um em função do dominar do outro. Taille (1996), enfatiza que há os que consideram a indisciplina como o resultado do enfraquecimento do vínculo entre o que é moral e vergonhoso. Vasconcellos (1995) reforça que a causa da indisciplina ocorre pela desvalorização social da escola, que provocou uma queda do mito da ascensão social, por meio do ensino e do aprendizado, diminuindo consideravelmente a motivação extrínseca que havia entre aqueles que desejavam alcançar o seu espaço diante da sociedade por meio do processo da escolarização, esse fato levou a escola a deixar de ser um ideal e passou a ser uma obrigação:

Isto acontecia quando a escola representava um inquestionável caminho de ascensão social e, dessa forma, o professor era um dos seus representantes mais qualificados e como tal era tratado (ainda que fosse um respeito meramente formal). Hoje tudo mudou. Esse tratamento de respeito tem que ser conquistado pelo professor (VASCONCELLOS, 1995, p. 45)

Não estamos buscando dados estatísticos em relação a problemática sobre a indisciplina escolar, mas focamos nos percalços criados na vida dos profissionais que atuam mediando o conhecimento, pois percebemos que as atitudes dos alunos em sala de aula vão de encontro ao que preconizado pelo projeto político pedagógico escolar no que se refere ao respeito para com a comunidade escolar em geral e o compromisso do discente com o processo de construção da sua vida cidadã, pois o mesmo precisa conhecer e reconhecer que a escola ou outro lugar qualquer, não é espaço de agressão, menosprezo, desvalorização, etc.

Nossa história denuncia o descaso das condições estruturais das instituições que acolhem a comunidade escolar, que passam por abandono e descaso, esse contexto tem refletido no processo de ensino e aprendizagem, pois os docentes sofrem pela ausência de condições básicas e mínimas para exercer sua profissão, as escolas revelam as condições precárias de funcionamento nas quais se encontram, a conjuntura é preocupante, uma vez que existem instituições escolares com ausência de serviços básicos, como acesso à energia elétrica, abastecimento de água tratada, existência de esgoto sanitário e coleta periódica do lixo entre outros. O Resumo Técnico do Censo Escolar de 2011 afirma que a infraestrutura disponível nas escolas tem importância fundamental no processo de aprendizado, o mesmo recomendou que uma escola precisa manter um padrão estrutural que possa oferecer ao aluno condições que venha facilitar o seu aprendizado, melhorando seu rendimento, tornando o ambiente escolar um local agradável, sendo, dessa forma, mais um estímulo para sua permanência na escola.

Diante desse quadro analisamos o fazer docente, que devido o caos mencionado e aos

desafios enfrentados no cotidiano, quando tenta pôr em prática um ensino de qualidade é tomado por uma imensa frustração, mal-estar esse que provoca um estado de ansiedade contrariando a relação teoria e prática, que necessita da nossa reflexão sobre a ação. Outra questão fundamental nesse cenário de abandono estrutural das escolas brasileiras, é o aparato tecnológico, que no momento atual, num contexto pandêmico, foi um dos únicos instrumentos de apoio capaz de vincular professor e aluno, mas sabemos que os espaços escolares de maneira geral não comportam tais tecnologias e não possuem condições para adquirir os equipamentos necessários com a finalidade de participar das aulas remotas (Online). Somado a esse contexto, o professor se percebe atormentado, primeiro por não ter o domínio necessário em relação aos recursos tecnológicos e o seu uso adequado, e segundo, que essa conjuntura se soma as dificuldades de interação e integração dos alunos ao processo ensino/aprendizagem, todos esses fatores criam no docente uma preocupação intensa em relação a sua prática.

Este artigo adota a abordagem qualitativa para desvelar no cotidiano das escolas, situações que impactam na saúde e no ambiente de trabalho do professor. A partir da metodologia de pesquisas do/no/com cotidiano (FERRAÇO; ALVES, 2015; FERRAÇO, 2004), foram analisadas as narrativas produzidas em diários de 20 estagiário(a)s de Psicologia Escolar de uma Universidade do Sul do Brasil, no período 2017/18. A análise - em andamento - utiliza-se dos pressupostos da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2009). Para Passos (1996) compreender questões que envolvem a indisciplina em sala de aula passa pelo conhecimento sobre a realidade escolar e o contexto das práticas educacionais de onde ocorre esse fenômeno. E o autor assim explica:

Isto porque a prática pedagógica é estruturada a partir dos quadros de referência ideológicos, morais e sociais de todos os envolvidos na dinâmica escolar: professores, diretores, alunos, pais, funcionários etc. Tais quadros se cruzam com todo o universo simbólico cultural (de valores, crenças, representações) que dão sentido a suas atitudes e comportamentos (PASSOS, 1996, p. 121).

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930) evidencia que o homem é exposto a três possibilidades de sofrimento, sendo este demandado pela decadência do seu próprio corpo, advindos do mundo externo ou por meio da coexistência com os outros homens, onde o último é o mais árduo que qualquer outro. O principal mecanismo de defesa contra os agentes psíquicos desencadeados pela convivência com os outros humanos é o isolamento, onde o sujeito se mantém distante das outras pessoas, o que Freud denomina ser “a busca da felicidade da quietude”. Entretanto, Freud assegura que a felicidade consiste em um equilíbrio entre ausência de sofrimento e desprazer, porém, afirma que o homem não suportaria uma sucessão de dias belos.

O mal-estar docente é uma realidade obscura que atormenta todos aqueles que de alguma forma já sofreram ameaças a sua integridade física e emocional, é de primordial importância que a comunidade escolar possa sim, ter o compromisso de olhar o educador

como um ser que tem sentimentos, que como qualquer outro ser humano precisa sim, ser respeitado e valorizado no que faz. Brown (2019) relata que somente quando temos coragem suficiente para explorar a escuridão, descobrimos o poder infinito de nossa própria luz.

Nossas hipóteses são que o ensino é um trabalho emocional, onde cada docente experimenta emoções diferentes. Outra questão que também merece ser considerada é de que os docentes, através de seus recursos psíquicos, buscam estratégias para manter o equilíbrio psíquico frente às demandas do trabalho. Como tese, sustenta-se que, estes movimentos, que possuem reflexo direto na organização dos processos de trabalho nos quais estão inseridos produzem graves consequências sobre a saúde dos professores, em seus aspectos físicos ou psíquicos. Somos enclausurados sem perceber e permanecer ou não nesse cativeiro vai depender do nosso amor próprio, o que nos faz refletir e concordar com a afirmação de Baba (2016), que os muros que construímos ao nosso redor para nos proteger, são os mesmos que nos mantem isolados no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Mal-estar docente. Sofrimento docente. Indisciplina escolar. Cotidiano escolar. Fazer Docente.

REFERÊNCIAS

BABA, Sri Prem. **Propósitos**. Sextante. 2016.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**. Tradução de Joel Macedo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

CENSO ESCOLAR. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnic
Acesso em 04 de abril de 2021.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FAJARDO, Indinalva; MINAYO, Maria Cecília; MOREIRA, Carlos Otávio. Educação Escolar e Resiliência: política de educação e a prática docente em diversos meios. **Ensaio**. Rio de Janeiro, v. 18, nº 69, p. 761- 773, 2010.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do Currículo**, v. 8, n. 3, p. 306-316, 2015. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.2015.v8n3.306316/14761>>.
Acesso em: 25 mar. 2019.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. **Anais da 27ª Reunião da ANPED**. Caxambu/MG, 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/diversos/te_ferraco.pdf>.
Acesso em: 25 mar. 2019.

FERRAÇO, Carlos E.; SOARES, Maria Conceição S., ALVES, Nilda. **Michel Certau e as pesquisas nos/ dos/ com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AOUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial Ltda. 1996.

TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AOUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial Ltda. 1996.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995. (Cadernos pedagógicos do Libertad, v. 4).